

A ESTRUTURA DIALOGAL DA POLÉMICA: ASPECTOS CONFIGURACIONAIS¹

SÓNIA VALENTE RODRIGUES²
(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

ABSTRACT: The purpose of this article is to contribute to the definition of the written polemic as a discursive dialogue form. Three discursive parameters will be analyzed: (i) the global structure of the polemic as a discursive form; (ii) the typical internal structure of polemic texts in verbal exchanges, identifying the base constituents; (iii) the underlying function of one of these constituents, specifically the discursive retake. If it can be proved that the polemic has a dialogue form in its structure and function, even though it occurs in an interactive framework without time or place, then the insertion of this type of text among studies of “interactional linguistics” is fundamental.

KEYWORDS: verbal interaction, polemical text/discourse, argumentative dialogues

1. Notas prévias

1.1. A ‘polémica’ enquanto objecto de estudo pode ser analisada a partir de cada um dos planos em que se fixa: acontecimento, acto, elemento que gera divergência e divisão; actividade discursiva em que participa uma determinada comunidade em torno de uma questão que divide opiniões; interacção verbal entre, pelo menos, dois interlocutores, reconhecida pelos falantes de uma comunidade como contendo traços de ‘polemicidade’; forma discursiva dotada de ‘polemicidade’ como propriedade genérica. Dos planos referidos (acção ou acontecimento, interacção verbal, texto), destacaremos, neste trabalho, o plano interaccional escrito em que nos fixaremos. Aí, centraremos a nossa atenção na forma discursiva global, isto é, no conjunto dos textos produzidos por dois ou mais interlocutores no decurso de uma interacção verbal polémica.

1.2. O ponto de vista assumido para o estudo dos textos constitutivos de uma interacção verbal parte do pressuposto enunciado por Marcelo Dascal

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no II Fórum de Partilha Linguística (CLUNL, Julho de 2007).

² Endereço electrónico – svrodrigues@clix.pt url – <http://svrodrigues.nome.pt>

(1989): «Each critical move and each reply in a controversy are usually quite elaborate pieces of discourse, departing sharply from the spontaneous exchanges characteristic of face-to-face dialogues. Nevertheless, some of their typical features can be accounted for by looking at them as (protracted) dialogues and by applying to them the pragmatic concepts developed for the analysis of conversation.» (Dascal 1989, p. 147).

1.3. A estrutura dialogal é definida em Kerbrat-Orecchioni (1990) e Adam (1992) pelos seguintes parâmetros: as vozes dos interlocutores respondem-se; as intervenções dos interlocutores sucedem-se numa sequência alternada de réplicas; cada intervenção individual apresenta uma estrutura diafónica, uma vez que retoma as propostas atribuíveis ao seu interlocutor no seu próprio discurso.

Estes factores conglobam-se em torno de uma lógica dialogal, segundo a qual os interlocutores cooperam em ordem à produção de uma unidade perfeitamente identificável, seja de natureza oral, seja de natureza escrita. Neste último caso, na sucessão escrita das intervenções dos interlocutores, está perfeitamente assegurado o encadeamento das sequências textuais a partir de mecanismos como a coesão e a conectividade interdiscursiva, a coerência isotópica e a retoma discursiva.

Veremos, nos pontos seguintes, a configuração dialogal da polémica escrita a partir dos parâmetros da sequencialidade e do encadeamento.

2. A polémica como forma discursiva dialogal

2.1. Sequencialidade

A polémica escrita apresenta-se, no seu conjunto, como sequência alternada de réplicas com uma específica estrutura sequencial e interaccional.

2.1.1. Da estrutura sequencial fazem parte traços como: modo de enunciação, forma do enunciado, alternância de vozes. A polémica é o produto de uma enunciação em diferido, com uma duração temporal variável, entre interlocutores que assumem a tomada de palavra por meio da publicação de intervenções longas, de géneros e tipos de textos diversos (desde a carta, ao texto de opinião, passando pela crónica, pela obra de divulgação científica e também pelo romance). A polémica é definida, em termos estruturais, por um conjunto mínimo de constituintes textuais, sem os quais não passa de um estado embrionário, potencialmente desencadeador de uma troca verbal polémica. Essa estrutura sequencial alberga um texto inicial, dotado de polemicidade, que abre a possibilidade de uma situação interlocutiva. Essa situação interlocutiva (ou diálogo) só se efectiva no momento da produção do texto de abertura da interacção verbal polémica, isto é, no momento em que surge um texto que reage a um outro anterior, abrindo a partir da sua enunciação o diálogo polémico; este segundo texto assume a dupla natureza reactiva e iniciativa, instaurando o início da interlocução que se torna efecti-

va quando o interlocutor visado reage por meio de um texto de réplica. Cada um destes três textos monológicos escritos passa a ocupar uma determinada posição (de intervenção iniciativa e/ou reactiva) na interacção verbal global, tal como se pode observar na figura 1.

Fica, assim, instaurado um jogo discursivo extremamente próximo de uma situação interlocutiva, com características próximas de uma situação de conversação.

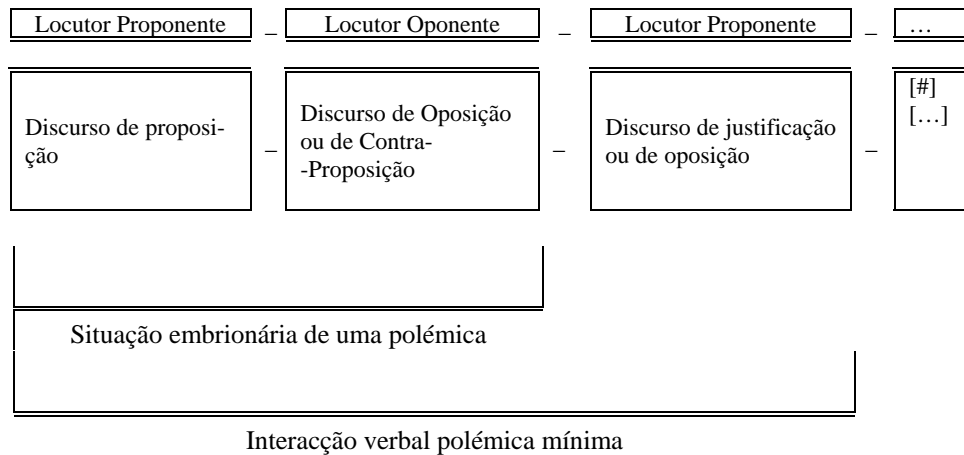


Figura 1: estrutura sequencial da interacção verbal polémica

2.1.2. A estrutura interaccional diz respeito ao quadro de enunciação instaurado pela troca verbal pública escrita. Esta estrutura apresenta uma configuração triádica, mediação enunciativa e desenhos diversificados no direccionamento da palavra enunciada.

O dispositivo enunciativo triádico que integra os interlocutores (pelo menos dois) e o público é característico da polémica. A enunciação é, maioritariamente, mediada, uma vez que os papéis enunciativos de interlocutor directo e de alvo da enunciação podem não coincidir. As configurações da estrutura interaccional apresentam variações como as que se ilustram nas figuras seguintes.

Nas figuras respeitantes à configuração A (A1 e A2), o público – leitor é o terceiro elemento da comunicação investido de uma função testemunhal e/ou arbitral. Em A1, o público é alocutário no momento da recepção do texto produzido por cada um dos interlocutores no tempo histórico da sua enunciação; em A2, o público é leitor da troca verbal polémica como texto constituído pelas várias intervenções escritas que a integram, produzido num tempo histórico anterior ao da sua recepção.

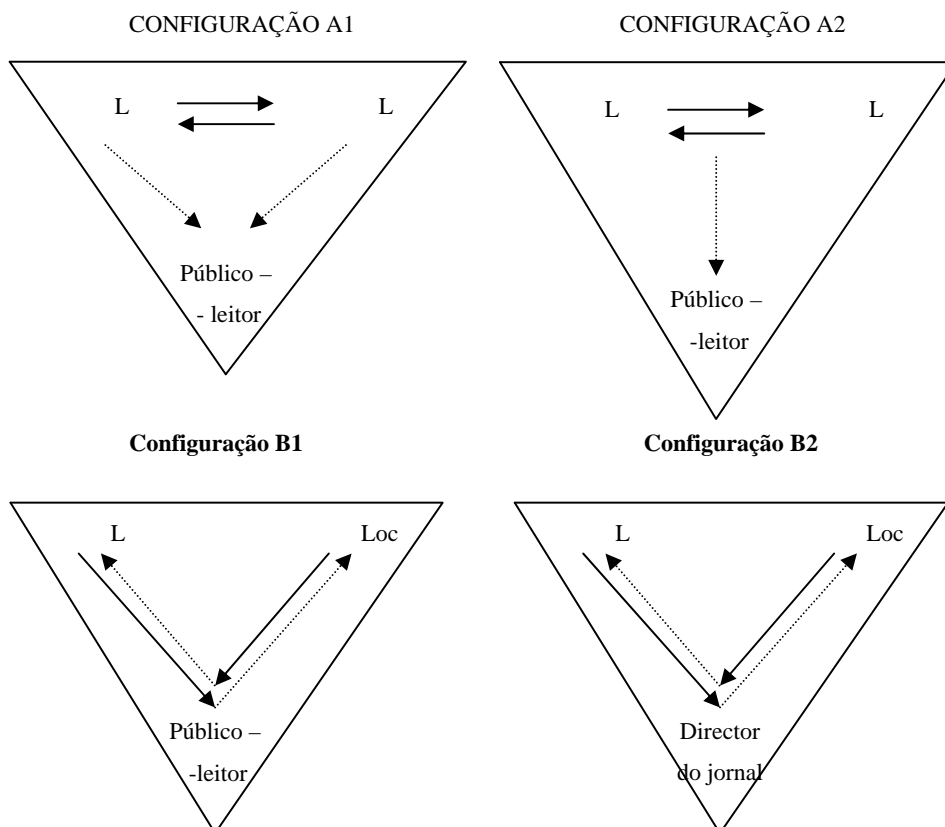


Figura 2: configurações da estrutura interaccional da troca verbal polémica

As figuras relativas à configuração B (B1 e B2) procuram ilustrar a mediação enunciativa do público na interacção verbal entre os interlocutores de uma polémica. Nestes casos, cada interlocutor dirige-se a um terceiro elemento que é seleccionado como alocutário directo (público, director do jornal) para interagir por mediação com o interlocutor da troca verbal polémica.

2.2. Encadeamento

A estrutura interna das intervenções reactivas de uma polémica, pela análise dos seus constituintes e respectivas funções, permitem observar a presença de operadores de encadeamento entre as intervenções textuais, elemento central para a configuração dialogal global. Exemplificaremos os operadores de encadeamento entre intervenções de uma troca verbal polémica através da análise do texto de abertura da polémica entre Camilo Castelo Branco e Alexandre da Conceição a propósito do romance *A Corja*.

A análise da intervenção de abertura de Camilo Castelo Branco, de acordo com o método de segmentação dos actos discursivos desenvolvido pela Escola de Genebra, permitirá recortar na massa textual analisada o seg-

mento de retoma no seio do qual se opera o encadeamento dialogal, por via das funções conectiva, metadiscursiva e argumentativa que lhe são inerentes.

2.2.1. O texto em análise, T1^{CCB3} a partir de agora, é formado por justaposição de sequências discursivas que mais adiante analisaremos. Usamos o sinal gráfico > para identificar cada uma dessas sequências, no texto que se transcreve na íntegra.

> ¹Uma prodigalidade de adjectivos bons e sonoros com que o Sr. Alexandre da Conceição recheia alguns parágrafos do seu artigo crítico, é um ardil retórico tão cediço quanto pouco engenhoso. ²Ele descamba abruptamente nas indecadelas e inexactidões.

> ³Assevera o crítico que eu, no *Eusébio Macário*, tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridículo sobre a escola realista*. ⁴O Sr. Conceição decerto não pode citar frase minha que o justifique.

> ⁵Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria talvez escrever *obcecar*) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do autor do *Primo Basílio* somente esta estreita compreensão: *de que é apenas um romancista ridículo*. ⁶Não me conformo indiferentemente com esta aleivosia, porque admiro e releio os romances do Sr. Eça de Queirós.

⁷No *Cancioneiro Alegre*, pág. 11, digo do *Primo Basílio*: «o romance mais doutrinal que ainda saiu dos prelos portugueses». ⁸*Doutrinal*, escrevi como sinónimo de *moralizador*. ⁹Em minha consciência entendo que, se já houve livro que pudesse e devesse salvar uma mulher casada, na aresta do abismo, é o *Primo Basílio*. ¹⁰O Sr. Eça de Queirós fez esse raro milagre, porque pintou o vício repulsivo e nojento. ¹¹As mesmas delícias do delito emporcalhou-as, pondo as angústias paralelas com as torpezas.

¹²No *Prefácio* da segunda edição do *Eusébio Macário*, escrevi: «Cumpre-me declarar que não intentei ridicularizar a escola realista. ¹³Quando apareceram o *Crime do Padre Amaro* e o *Primo Basílio* e os romances de Teixeira de Queirós, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração. ¹⁴Creio que hoje em dia novela escrita de outro feitio não vinga.»

¹⁵Isto não me parece que seja, na afirmação leviana do Sr. Conceição, considerar o Sr. Eça de Queirós *um romancista ridículo*. ¹⁶Com inexactidões desta espécie não é que o Sr. Alexandre há-de fazer respeitável a sua autoridade, numa idade em que a madureza dos anos já lhe não desculpa as verdes ligeirices.

> ¹⁷Assevera que eu *negara ao Sr. Teófilo Braga toda a autoridade moral*. ¹⁸Isto é falso. ¹⁹O que eu formulei no meu artigo *Gil Vicente*, fundamentando o asserto, foi que o Sr. Teófilo Braga não tinha *autoridade histórica*. ²⁰Com inexactidões desta laia é que se perde a autoridade moral; ²¹com a errada compreensão da história apenas se arrisca a autoridade científica. ²²A ignorância é um predicado congenial e pode ser inofensivo; ²³a calúnia é uma arteirice violenta e nunca deixa de ser malévola.

³ T1^{CCB} identifica o texto de abertura da troca verbal polémica que ficou conhecida por «Modelo de Polémica Portuguesa» no conjunto das polémicas camilianas. Trata-se aqui do primeiro texto, ou texto de abertura de troca verbal escrita, (T1), da autoria de Camilo Castelo Branco (CCB).

> ²⁴O Sr. Conceição diz que a *Corja* é uma *banalidade*. ²⁵Pois que outra coisa há-de ser a minha novela senão uma frioleira?

²⁶O meu romance não tem o desvanecimento de avantajar-se às «banalidades» da sua espécie. ²⁷É com efeito uma bagatela risonha que não há-de aumentar o número dos tolos; ²⁸nem tão-pouco estorvar que a luz do Sr. Conceição penetre as camadas escuras que envolvem a ignorância pública. ²⁹Nem os futuros livros científicos do sonoro poeta Sr. Conceição, nem os meus romances banais hão-de acrescer nem diminuir o número dos parvos – a *incomensurável maior*, como diz o filósofo Schopenhauer. ³⁰Acho de uma grande verdade aquilo de Voltaire: *Nous laisserons ce monde-ci aussi sot et aussi méchant que nous l'avons trouvé en y arrivant*.

> ³¹Não só *banalidade*, diz o Sr. Conceição do meu romance – mas *banalidade suja*.

³²Compreende-se que as impudicícias da *Corja* manchassem o pulcro arminho do Sr. Conceição, demasiadamente podendo e donzel em anos pouquíssimo virginais. ³³Respeito o seu casto enojo, e sinto muito haver-lho posto à prova do engulho. ³⁴Isso é raro e é bonito num engenheiro, cuja verecúndia, se tem explicação, deve ser a da sua coabitação com a Natureza sã, florestal, não gafada das podridões que verdejam nas minhas novelas. ³⁵Eu não formava uma ideia tão cristalina da candura do Sr. Conceição. ³⁶Há o que quer que seja neste pudor anacrónico – uma intimidade orgânica, simpática com o seu apelido um tanto místico, de sacristia – da *Conceição*.

³⁷Dá-me vontade, depois desta sua aversão ao sujo, ao despeitorado, à desonestidade, à *Corja*, lembrar-lhe que se assine *Alexandre da Conceição Imaculada*.

> ³⁸Parece deplorar-me; receia que o meu livro seja um *fenómeno de regressão ou estacionamento mental*. Outro sentimento bom como apêndice ao pudor. ³⁹Obrigado pela sua comiserção. ⁴⁰Se estas linhas vão confirmar o seu ingrato diagnóstico, aí as tem.

2.2. A observação dos marcadores das sequências textuais segmentadas conduz a uma esquematização que tem como vantagem salientar a regularidade estrutural do texto em análise que apresenta uma composição estável de unidades integradoras de dois movimentos discursivos (retoma do discurso do interlocutor + reacção a esse discurso). No esquema identificado como FIGURA 3, cada sequência textual é indicada por S seguido do numeral indicativo da ordem respectiva; cada uma destas sequências integra um segmento de retoma, assinalado com RET, e um de reacção (podendo ser de resposta que engloba actos discursivos argumentativos), indicado por RE.

2.2.3. A segmentação das sequências textuais recortadas em actos discursivos permite ponderar a natureza de cada um desses actos de discurso de forma a extrair considerações significativas acerca do seu potencial pragmático como operador de encadeamento. Destacamos do conjunto em análise três das sequências mais significativas deste ponto de vista e apresentamo-las com indicação dos diversos actos discursivos que a compõem para mostrar como o(s) acto(s) inicial(is) é(são) sempre de retoma do discurso do interlocutor: [1], na primeira sequência, [1] e [2] na quinta e sexta sequências.

	RRET	[T1 ^{CCB} , 3]	«Assevera o crítico que eu, no <i>Eusébio Macário</i> , tive por <i>intuito confessado</i> a pretensão de lançar o <i>ridículo</i>
<u>S1</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 4]	
	RRET	[T1 ^{CCB} , 5]	«Assevera que eu me deixei <i>obsecar</i> (queria talvez escrever <i>obcecar</i>) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do autor do <i>Primo Basílio</i> somente esta
<u>S2</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 6-16]	
	RRET	[T1 ^{CCB} , 17]	«Assevera que eu <i>negara ao Sr. Teófilo Braga toda a autoridade moral.</i> »
<u>S3</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 18-23]	
T1 ^{CCB}			
	RRET	[T1 ^{CCB} , 24]	«O Sr. Conceição diz que a <i>Corja</i> é uma <i>banalidade.</i> »
<u>S4</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 25-30]	
	RRET	[T1 ^{CCB} , 31]	«Não só <i>banalidade</i> , diz o Sr. Conceição do meu romance – mas <i>banalidade suja.</i> »
<u>S5</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 32-37]	
	RRET	[T1 ^{CCB} , 38]	«Parece deplorar-me; receia que o meu livro seja um <i>fenómeno de regressão ou estacionamento mental.</i> »
<u>S6</u>	RRE	[T1 ^{CCB} , 39-42]	

Figura 3: estrutura interna do texto de abertura da polémica

[T1^{CCB}, S1]

- [1] Assevera o crítico que eu, no *Eusébio Macário*, tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridículo sobre a escola realista*.
 [2] O Sr. Conceição decerto não pode citar frase minha que o justifique.

[...]

[T1^{CCB}, S5]

- [1] Não só *banalidade*, (...) mas *banalidade suja*.
 [2] diz o Sr. Conceição do meu romance
 [3] Compreende-se que as impudicícias da *Corja* manchassem o pulcro arminho do Sr. Conceição, demasiadamente pudendo e donzel em anos pouquíssimo virginais.
 [4] Respeito o seu casto enojo,
 [5] e sinto muito haver-lho posto à prova do engulho.
 [6] Isso é raro e é bonito num engenheiro,
 [7] cuja verecúndia, se tem explicação, deve ser a da sua coabitação com a Natureza sã, florestal, não gafada das podridões que verdejam nas minhas novelas.
 [8] Eu não formava uma ideia tão cristalina da candura do Sr. Conceição.
 [9] Há o que quer que seja neste pudor anacrónico – uma intimidade orgânica, simpática com o seu apelido um tanto místico, de sacristia – da *Conceição*.
 [10] Dá-me vontade, depois desta sua aversão ao sujo, ao despeitorado, à desonestidade, à *Corja*, lembrar-lhe que se assine *Alexandre da Conceição Imaculada*.

[T1^{CCB}, S6]

- [1] Parece deplorar-me;
 [2] receia que o meu livro seja um *fenómeno de regressão ou estacionamento mental*.
 [3] Outro sentimento bom como apêndice ao pudor.
 [4] Obrigado pela sua comiseração.
 [5] Se estas linhas vão confirmar o seu ingrato diagnóstico,
 [6] aí as tem.

2.2.4. A hierarquização dos segmentos constitutivos de cada uma das sequências em destaque permite a ponderação da funcionalidade conectiva, metadiscursiva e argumentativa da retoma discursiva das intervenções nas interações verbais polémicas. Vejamos, em primeiro lugar, a esquematização dessa hierarquização.

A primeira sequência textual é composta por dois actos discursivos que funcionam como constituintes fundamentais de troca verbal, podendo ocorrer, sem alteração discursiva, em contexto de diálogo presencial. Numa manipulação do discurso como exercício exploratório da funcionalidade desta sequência, facilmente se poderia conceber uma troca verbal presencial como a que se transcreve:

Sr. Conceição – O Sr., no *Eusébio Macário*, teve por intuito confessado a pretensão de lançar o ridículo sobre a escola realista.

Camilo Castelo Branco – O Sr. Conceição decerto não pode citar frase minha que o justifique.

Tal exercício de simulação permite equacionar a relação entre os constituintes [retoma e reacção] de cada uma das sequências compositivas do texto de polémica que não parece ser de natureza hierárquica (contrariando a proposta de Roulet 2001), entre principal e subordinado, mas de adjacência (por proposta nossa), como se indica na figura 4.

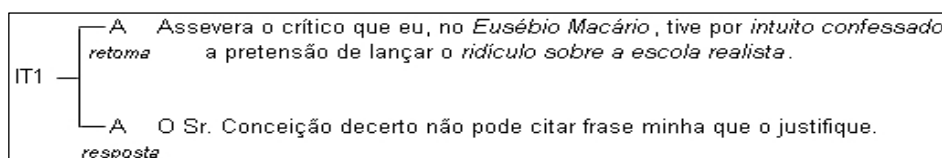


Figura 4: hierarquização dos actos discursivos da sequência discursiva 1

A mesma situação ocorre na quinta sequência do texto em análise, embora a sua extensão e complexidade impliquem a presença de um maior número de actos discursivos e um componente intermédio entre o acto discursivo e a sequência textual, a intervenção. Este termo, “intervenção”, é

usado aqui como conceito operatório oriundo da análise modular do discurso, da escola de Genebra⁴.

Assim, como revela a figura seguinte, a quinta sequência do texto que nos ocupa é constituída por um acto discursivo de retoma que abre espaço para uma intervenção de reacção longa e complexa, uma vez que integra actos discursivos de comentário e de reacção, ligados entre si por uma relação hierárquica.

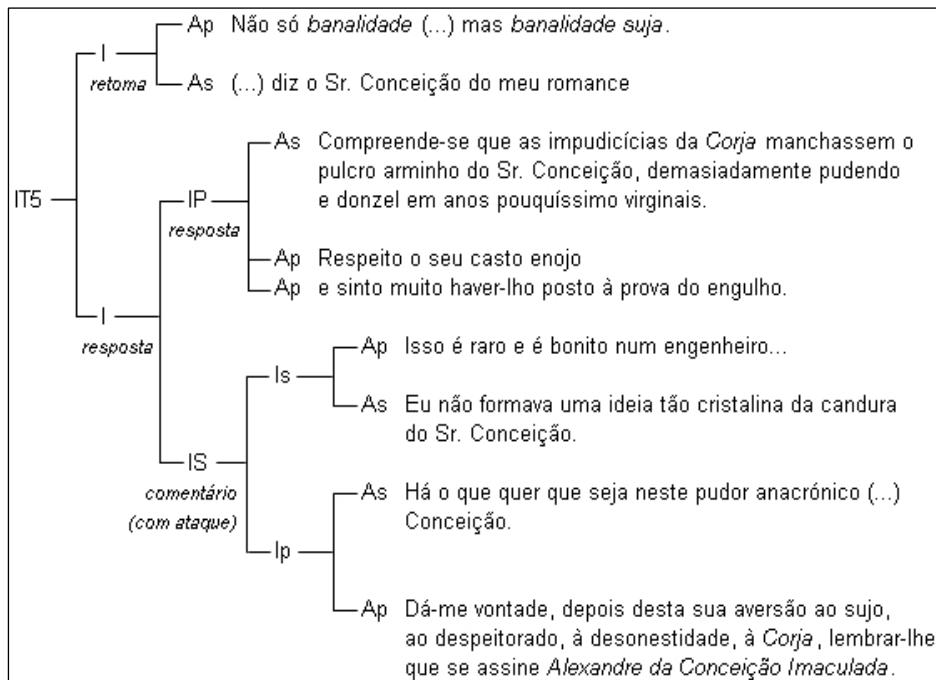


Figura 5: hierarquização dos actos discursivos da sequência discursiva 5

A sexta sequência textual é reveladora também desta organização discursiva interna. É composta pelos dois constituintes de base: a retoma e a reacção. O primeiro consiste numa atribuição de sentido ilocutório às palavras do interlocutor («Parece deplorar-me [e digo isto porque] receia que o meu livro seja um fenómeno de regressão ou estacionamento mental») em função do qual constrói a resposta («Obrigado pela comiserção.»). A repre-

⁴ No quadro da análise modular do discurso, “intervenção” não se confunde com “tomada de palavra” assim definida: «(...) il s’agit d’une unité de surface, qui est caractérisée par la seule durée de l’activité langagière continue d’un interlocuteur et qui peut être formée de deux interventions: par exemple, l’intervention de remerciement qui clôt l’échange précédent et l’intervention de requête du même locuteur qui ouvre l’échange suivant (...)» (1997, 101). A ‘intervenção’ como unidade de discurso é constituída por actos discursivos e integra a tomada de palavra do locutor.

sentação esquemática desta estrutura mostra como se relacionam entre si estes constituintes.

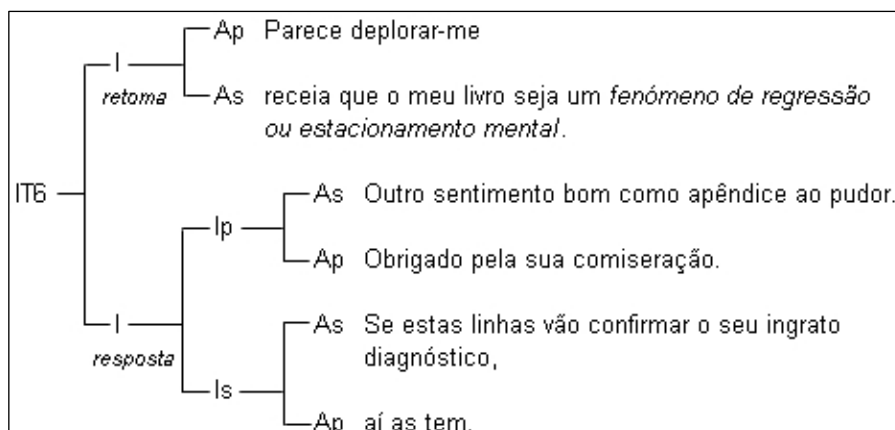


Figura 6: hierarquização dos actos discursivos da sequência discursiva 6

Os exemplos apresentados mostram que cada uma das sequências textuais do texto de polémica se constrói como simulação de diálogo, sendo que o par iniciativo de troca verbal é retomado pelo locutor de um texto anteriormente produzido pelo interlocutor e o par reactivo é construído como resposta ao acto discursivo relatado.

Esta estrutura, típica dos textos constitutivos da troca verbal polémica, é responsável pelos princípios de sequencialidade e de encadeamento entre esses textos, funcionando como operadores de coesão interdiscursiva. Concorre, portanto, para a alimentação da polémica como diálogo, muito embora o modo escrito em que a troca verbal ocorre a fixe como comunicação em diferido.

3. Conclusão

Embora etimologicamente associada à guerra, a polémica é uma actividade discursiva que só existe enquanto troca verbal porque e quando os interlocutores se assumem cooperantes num jogo subordinado a um específico contrato de comunicação. O produto dessa específica actividade é um texto escrito a dois, com uma nítida estrutura dialogal, assegurada por mecanismos linguísticos interdiscursivos como o da retoma ou representação do discurso do interlocutor a que o locutor responde respeitando os princípios dialogais da sequencialidade, do encadeamento e da adjacência.

O constituinte, de natureza simultaneamente reactiva e iniciativa, em que é vazada a retoma do enunciado e da enunciação anterior do interlocutor desempenha três funções primordiais: assegura a conectividade interdiscursiva, expõe a interpretação/descrição linguística desse discurso e assinala a pertinência do constituinte reactivo imediato indicando o discurso do interlo-

cutor como origem causal. Assim sendo, este constituinte apresenta-se como *locus* privilegiado de encadeamento, centrando em si três dimensões fulcrais da ‘polemicidade’: a conectividade, a metadiscursividade, a retoricidade/argumentatividade.

Esta análise leva-nos à ponderação da hipótese segundo a qual o constituinte textual que contém a retoma discursiva numa intervenção polémica constitui o principal operador de polemicidade enquanto propriedade discursiva. A ser confirmada esta hipótese, a definição praxeológica de polemicidade, de acordo com a qual um texto polémico é um contra-discurso que visa destruir um adversário, pode ser completada por uma definição linguístico-discursiva, que encara essa dimensão dos discursos como propriedade dialógica e dialogal.

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Margarida Duarte, agradeço a apreciação do conteúdo deste texto. À Professora Doutora Ana Martins, agradeço as indicações que a revisão da versão anterior lhe suscitou.

Referências

- Adam, Jean-Michel 1992. *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Éditions Nathan.
- Dascal, Marcelo 1989. Controversies as quasi-dialogues. In E. Weigand & F. Hundsnurher (orgs), *Dialoganalyse*, II, vol. 1. Tübingen: Niemeyer, pp. 147 – 159.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine 1990. *Les interactions verbales*, Tomo I. Paris: Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine 1992. *Les interactions verbales*, Tomo II. Paris: Colin.
- Roulet, Eddy 1997. L’analyse du dialogue comme forme et comme activité discursives. In Luzzatti, Daniel *et al.* (orgs), *Le Dialogique*, Colóquio Internacional sobre as formas filosóficas, linguísticas, literárias e cognitivas do diálogo. Berne: Peter Lan, pp. 97-122.
- Roulet, Eddy; Laurent Filliettaz; Anne Grobet 2001. *Un modèle et un instrument d’analyse de l’organisation du discours*. Berne: Peter Lang.